

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
ÁREA: EPISTEMOLOGIA**

O INÍCIO DA METAPSIKOLOGIA DE FREUD:
uma abordagem epistemológica sobre a gênese do inconsciente

AURIUS REGINALDO DE FREITAS GONÇALVES
ORIENTADORA: PROF. Dra. FÁTIMA SIQUEIRA CAROPRESO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia, área de concentração: Epistemologia.

JUIZ DE FORA
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GONCALVES, AURIUS REGINALDO DE FREITAS.

O INÍCIO DA METAPSIKOLOGIA DE FREUD: : uma abordagem epistemológica sobre a gênese do inconsciente / AURIUS REGINALDO DE FREITAS GONCALVES. -- 2019.

49 f.

Orientadora: DR(A) FÁTIMA SIQUEIRA CAROPRESO

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2019.

1. EPISTEMOLOGIA. 2. FILOSOFIA. 3. PSICOLOGIA. 4. INCONSCIENTE. 5. MENTE. I. CAROPRESO, DR(A) FÁTIMA SIQUEIRA , orient. II. Título.

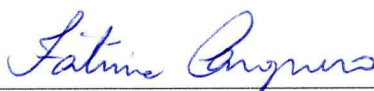
AURIUS REGINALDO DE FREITAS GONÇALVES

O INÍCIO DA METAPSICOLOGIA DE FREUD: uma abordagem sobre a gênese do inconsciente

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE EM FILOSOFIA.

Juiz de Fora, 06/09/2019.

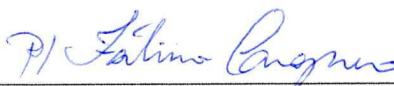
Banca Examinadora



Profª. Drª. Fátima Siqueira Caropreso - Orientadora



Prof. Dr. Richard Theisen Simanke (UFJF)



Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca (PUC Paraná)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO
DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Nº PROPP: 785.6092019.39-M

Nº PPG: M-2019.111

Ata da sessão pública referente à defesa da dissertação intitulada O INÍCIO DA METAPSICOLOGIA DE FREUD: uma abordagem sobre a gênese do inconsciente, para fins de obtenção do título de mestre em FILOSOFIA, área de concentração Filosofia, pelo(a) discente AURIUS REGINALDO DE FREITAS GONÇALVES (matrícula: 102480001 - início do curso em 1/4/17), sob orientação do(a) Prof.(a) Dr.(a) Fátima Siqueira Caropreso .

Aos 6 dias do mês de setembro do ano de 2019, às 15:00 horas, no(a) Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), reuniu-se a Banca Examinadora da Dissertação em epígrafe, aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação conforme a seguinte composição:

Prof.(a) Dr.(a) Fátima Siqueira Caropreso - Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.(a) Dr.(a) Richard Theisen Simanke - Membro titular interno

Prof.(a) Dr.(a) Francisco Verardi Bocca - Membro titular externo (com participação remota, conforme Resolução n. 04/2016-CSPP)

Prof.(a) Dr.(a) Nathalie Barbosa de la Cadena - Suplente interno

Prof.(a) Dr.(a) Josiane Cristina Bocchi - Suplente externo

-- -
-- -
-- -
-- -
-- -

Tendo o(a) senhor(a) Presidente declarado aberta a sessão, mediante o prévio exame do referido trabalho por parte de cada membro da Banca, o(a) discente procedeu a apresentação de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-graduação *stricto sensu* e foi submetido(a) à arguição pela Banca Examinadora que, em seguida, deliberou sobre o seguinte resultado:

- APROVADO (Conceito A).**
- APROVADO CONDICIONALMENTE (Conceito B)**, mediante o atendimento das alterações sugeridas pela Banca Examinadora, constantes do campo Observações desta Ata e/ou do parecer em anexo.
- REPROVADO (Conceito C)**, conforme parecer circunstanciado, registrado no campo Observações desta Ata e/ou em documento anexo, elaborado pela Banca Examinadora.


Observações da Banca Examinadora (caso inexistentem, anular o campo):

Nada mais havendo a tratar, o(a) senhor(a) Presidente declarou encerrada a sessão de Defesa, sendo a presente Ata lavrada e assinada pelos(as) senhores(as) membros da Banca Examinadora e pelo(a) discente, atestando ciência do que nela consta.

INFORMAÇÕES:

- Para fazer jus ao título de mestre(a)/doutor(a), a versão final da dissertação/tese, considerada Aprovada, devidamente conferida pela Secretaria do Programa de Pós-Graduação, deverá ser tramitada para a PROPP, em Processo de Homologação de Dissertação/Tese, dentro do prazo regulamentar de 90 dias a partir da data da defesa. Após a entrega dos dois exemplares definitivos, o processo deverá receber homologação e, então, ser encaminhado à CDARA.
- Esta Ata de Defesa é um documento padronizado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Observações excepcionais feitas pela Banca Examinadora poderão ser registradas no campo disponível acima ou em documento anexo, desde que assinadas pelo(a) Presidente.
- Esta Ata de Defesa somente poderá ser utilizada como comprovante de titulação se apresentada junto à Certidão da Coordenadoria de Assuntos e Registros Acadêmicos da UFJF (CDARA) atestando que o processo de confecção e registro do diploma está em andamento.


Prof.(a) Dr.(a) Fátima Siqueira
Caropreso


Prof.(a) Dr.(a) Richard Theisen Simanke


Prof.(a) Dr.(a) Francisco Verardi Bocca

Prof.(a) Dr.(a) Nathalie Barbosa de la
Cadena


Prof.(a) Dr.(a) Josiane Cristina Bocchi

--

--

--

--


AURIUS REGINALDO DE
FREITAS GONÇALVES
Discente

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais Maurício Gonçalves e Janete Reginalda de Freitas, pelos ensinamentos e pela educação. Obrigado.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, ao carinho da minha orientadora, professora Fátima Siqueira Caropreso pela orientação, correções e acertos nesse trabalho, mas principalmente pela oportunidade de poder ser seu orientando em um momento tão difícil da pesquisa e da educação brasileira. Não poderia alcançar mais essa etapa importante de minha vida sem a sua ajuda. Obrigado.

Agradeço também ao professor Richard Theisen Simanke pelo auxílio de extrema importância nesse trabalho.

Agradeço imensamente ao professor Francisco Verardi Bocca pelas críticas e sugestões ao trabalho. Muito obrigado.

Agradeço ao professor Gustavo Arja Castañon pelo estímulo em seguir esse caminho, assim como, estendo meus agradecimentos ao Departamento de Filosofia, em especial, ao professor Paulo Afonso pelos desafios enfrentados ao longo desses anos. Obrigado.

RESUMO

O principal objetivo desse trabalho dissertativo é compreender o estatuto metapsicológico freudiano, no sentido de esclarecer a natureza do psíquico, assim como, também, apresentar as principais hipóteses freudianas a respeito da gênese e a relação do inconsciente e da consciência. Seria possível atribuir à mente humana uma atividade psíquica que estaria desvinculada do cérebro? A psicologia estaria postulando outras formas de se compreender a natureza do psíquico ou seria apenas um desdobramento epistêmico relacionado com as novas descobertas da mente humana? No trabalho intitulado “Projeto de uma psicologia”, escrito em 1895 e publicado postumamente em 1950, Freud inicialmente formula a hipótese de um “aparelho neuronal” que corresponderia aos processos que ocorreriam no sistema nervoso e que poderiam ser relacionados às regiões anatômicas do cérebro. Nesse texto, pela primeira vez em sua obra metapsicológica, Freud admite a existência de um psíquico inconsciente, ou em outras palavras, de processos “psíquicos” que ocorreriam independentemente da esfera da consciência. No texto “Nota sobre o conceito de inconsciente na Psicanálise”, de 1912, Freud esclarece que a psicanálise atribui ao termo inconsciente, três sentidos distintos: *o descritivo, o dinâmico e o sistemático*. O termo inconsciente é utilizado, no sentido *descritivo*, no intuito de descrever fenômenos que são psíquicos, entretanto, escapam da noção de consciência. No que se refere ao sentido *dinâmico*, o inconsciente passa a ser analisado a partir da compreensão de que existe um conjunto de forças não conscientes, que influenciam o comportamento psíquico. Freud aponta que os fenômenos inconscientes e insuscetíveis de consciência, revelam elementos distintos aos do psiquismo, e que possuem ligação com a consciência. Na obra “A Interpretação dos Sonhos” de 1900, Freud formula suas hipóteses sobre a teoria psicanalítica analisando o funcionamento mental normal e patológico, através da análise dos sonhos. Freud busca compreender e apontar que durante a análise dos mesmos as pessoas poderiam revelar seus conflitos neuróticos. Freud afirma que não temos nenhuma garantia de que é possível conhecer os sonhos tal como eles realmente ocorrem, pois o que lembramos de um sonho, já foi fragmentado pela nossa memória, uma vez que não temos a capacidade de reter todo ou a maior parte do conteúdo sonhado. Nossas lembranças a respeito dos sonhos são incertas e podem ser falseadas. Ele aponta que o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica e que o mesmo só pode ser conhecido no momento em que emergem os dados da consciência, pois, em si mesmo, o inconsciente é incognoscível.

ABSTRACT

The main objective of this work is to understand the Freudian metapsychological status, in order to clarify the nature of the psychic, as well as to present the main Freudian hypotheses regarding the genesis and relation of the unconscious and the conscience. Is it possible to attribute to the human mind a psychic activity that would be disengaged from the brain? Is psychology postulating other ways of understanding the nature of the psychic, or is it merely an epistemic unfolding related to the new discoveries of the human mind? In the work entitled "Project of a Psychology," written in 1895 and published posthumously in 1950, Freud initially formulates the hypothesis of a "neuronal apparatus" that would correspond to processes that would occur in the nervous system and could be related to the anatomical regions of the brain. In this text, for the first time in his metapsychological work, Freud admits the existence of an unconscious psychic, or in other words, of "psychic" processes that would occur independently of the sphere of consciousness. In the text "Note on the Concept of the Unconscious in Psychoanalysis", 1912, Freud clarifies that psychoanalysis attributes to the unconscious term three distinct senses: the descriptive, the dynamic and the systematic. The term unconscious is used, in the descriptive sense, in order to describe phenomena that are psychic, however, they escape the notion of consciousness. As for the dynamic sense, the unconscious starts to be analyzed from the understanding that there is a set of nonconscious forces that influence psychic behavior. Freud points out that the unconscious and insusceptible phenomena of consciousness reveal elements distinct from those of the psyche, and which have a connection with consciousness. Freud formulates his hypotheses on psychoanalytic theory in the work "The Interpretation of Dreams" of 1900, analyzing normal and pathological mental functioning through the analysis of dreams. Freud seeks to understand and point out that during their analysis people could reveal their neurotic conflicts. Freud states that we have no guarantee that it is possible to know dreams as they really do, for what we remember from a dream has already been fragmented by our memory, since we do not have the ability to retain all or most of the dream. dreamy content. Our memories of dreams are uncertain and can be falsified. He points out that the unconscious is the true psychic reality and that it can only be known at the moment when the data of consciousness emerge, for in itself the unconscious is unknowable.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I: A FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE DE PSÍQUICO INCONSCIÊNTE	11
CAPÍTULO II: O SENTIDO SISTEMÁTICO DO INCONSCIENTE	18
CAPITULO III: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA “INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS”	25
1) O fundamento dos fenômenos oníricos	25
1.1) A infidelidade da memória	27
1.2) A estrutura do aparelho	29
1.3) A relação entre o processo primário e o secundário; a noção de repressão	33
1.4) A relação entre o inconsciente e a consciência	36
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Grande parte da reflexão filosófica que esteve na pauta das discussões sobre epistemologia no século XX foi sem dúvida, o dualismo metodológico. Sua origem se deu, nos meios neo-kantianos alemães e tinha como cerne a busca por solucionar e compreender a antinomia kantiana, no sentido de romper com a cisão entre as ciências naturais e as ciências humanas. O positivismo lógico assumiu a posição de ciência de “verdade” enquanto as outras ciências passaram a se encaixar em modelos já definidos pela mesma, ou seja, as outras formas epistêmicas de conhecimento se submeteram ao modelo positivista-científico de mundo. A “disputa dos métodos” – *Methodenstreit* – descrita por Assoun (1983) levanta a questão a respeito de se a psicanálise seria uma ciência da natureza – *Naturwissenschaft* – ou uma ciência dos espíritos – *Geisteswissenschaften* – compreendida como humana. A psicanálise freudiana se manteve afastada desta discussão, orientada e alinhada com a perspectiva naturalista.

A virada do século XIX para o século XX foi sem dúvida o marco histórico das ciências do conhecimento nesse sentido. A Razão compreendida como um instrumento para o conhecimento parte da lógica para a ação do homem na ordem e compreensão da vida. A bandeira do iluminismo tinha como base um projeto de reforma humana e social ancorada na ideia de que a razão poderia guiar as ciências em geral, incluindo as ciências humanas. O positivismo comteano é o *supra-sumo* desse projeto. Todo esse horizonte de pensamento se origina no modelo galilaico-newtoniano e se estende para todas as áreas do conhecimento. Além disso, nesse mesmo período, houve uma reação antinaturalista deflagrada por filósofos neo-kantianos, como por exemplo, Dilthey, Rickert, Windelband, entre outros (SIMANKE, 2009, P. 222). Esses pensadores concentravam seus esforços em compreender a especificidade metodológica das *Geisteswissenschaften*, que estaria condensada na dicotomia entre o método *explicativo*

e o *compreensivo* de se fazer ciências. Essa discussão ainda estaria gravitando em torno da *antinomia* kantiana entre natureza e liberdade. É nesse contexto que Freud elabora suas concepções sobre o psiquismo, dando destaque para a hipótese do inconsciente. O problema que se coloca para Freud se concentra, inicialmente, em delinear os limites de uma ciência que se estabeleça como sendo explicativa (*erklaren*) e compreensiva (*verstehen*) (Assoun, 1983, p. 46). Assoun aponta que Freud nunca considerou a possibilidade de outra ciência sem ser a da natureza, o que é evidenciado pela seguinte interrogação: “A psicologia também é uma ciência natural, o que mais ela poderia ser?” (FREUD, 1966g [1940], p. 282). Assim, para Freud a psicanálise seria uma ciência natural e é a partir dessa perspectiva naturalista que ele elabora sua teoria sobre o inconsciente.

Simanke (2009) considera que é interessante pensar o naturalismo de Freud como um naturalismo integral. De acordo com o ponto de vista freudiano, não bastaria apenas *descrever* ou sintetizar o pensamento acerca da natureza humana, mas também é preciso esclarecer como podemos *interferir* nessa natureza para melhor compreendê-la. Simanke aponta a existência de uma distância significativa entre o naturalismo positivista – que coloca o homem numa posição passiva e sem ação diante da vida – e um naturalismo orgânico, participativo, que busca conhecer e transformar. Essa última seria a perspectiva adotada por Freud.

Em seus estudos, Freud constrói de maneira organizada e coerente uma ciência da natureza nos auxiliando na descoberta de um universo ainda pouco conhecido: *o inconsciente e sua relação com a vida psíquica*. A identificação do psíquico com o consciente é pouco a pouco substituída por uma teoria mais ampla. Dessa forma, o avanço epistemológico atribuído ao grande esforço em se compreender essa nova possibilidade de interpretação da vida anímica, corresponde, ao nosso ver, ao salto

epistêmico e científico adotado pelo autor nesse período. Nos textos iniciais, como por exemplo, em *Sobre a concepção das afasias*, de 1891, Freud começa a formular alguns conceitos como de “representação” e de “aparelho psíquico”, mas ainda não desenvolve claramente o conceito de inconsciente. Nesse texto, o autor argumenta que todo o psíquico seria ainda consciente. O autor argumenta ainda que haveria uma relação de concomitância entre o psíquico e o neurológico.

O conceito de inconsciente é utilizado, pela primeira vez, em sua teorização metapsicológica, no texto de 1895 – publicado postumamente em 1950 – com o título de “Projeto de uma psicologia”. Nesse texto, Freud propõe o conceito de inconsciente dinâmico. O autor defende que o psíquico não mais coincide diretamente com a consciência, mas está para além dela. Na carta escrita a Fliess em 1896, conhecida como “carta 52”, Freud continua desenvolvendo sua teoria sobre o inconsciente e propõe a hipótese de sistema inconsciente. Nessa carta, ele elabora um esboço da teoria que é apresentada no sétimo capítulo de “A interpretação dos sonhos” (1900).

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo analisar a teoria freudiana sobre o inconsciente que Freud elabora em seu texto sobre os sonhos. Para isso, abordaremos também alguns textos precedentes de Freud que auxiliam a compreensão dessa teoria.

CAPÍTULO I: A FORMULAÇÃO INICIAL DA HIPÓTESE DE PSÍQUICO INCONSCIENTE

No texto, de 1891, “Sobre a concepção das afasias”, Freud formula hipóteses que constituem a base de sua teoria metapsicológica. Ele adota a “teoria da concomitância” do neurologista inglês Hughlings Jackson¹, de acordo com o qual, os processos psíquicos e os neurológicos transcorreriam concomitantemente, sem que um fosse a causa do outro. Todo processo psíquico teria um processo cerebral concomitante, mas as duas séries não interfeririam uma sobre a outra. Nesse texto, Freud mantém a identificação entre o mental e o consciente, de forma que a hipótese de um psiquismo inconsciente ainda não está presente em sua teoria. Na seguinte passagem fica clara essa identificação entre o mental e o consciente defendida por Freud:

“A relação entre a cadeia de processos fisiológicos que se dão no sistema nervoso e os processos mentais provavelmente não é de causa e efeito. Aqueles não cessam enquanto estes começam; tendem a continuar, porém, a partir de um certo momento, um fenômeno mental corresponde a cada parte da cadeia ou várias partes. Um processo psíquico é, portanto, paralelo ao fisiológico, um *concomitante dependente*.” (FREUD, 1891, p. 70)

Na obra “Projeto de uma psicologia”, escrita em 1895 e publicada em 1950, Freud formula a hipótese de um “aparelho neuronal”, que corresponderia a processos que ocorreriam no sistema nervoso e poderiam ser relacionados às regiões anatômicas do cérebro. Nesse texto, pela primeira vez em sua obra metapsicológica, Freud admite a existência de um psíquico inconsciente, ou, em outras palavras, de processos “psíquicos” que ocorreriam independentemente da esfera da consciência. Para

¹ Hughlings Jackson (1884). Neurologista inglês que adota a “doutrina da concomitância” afirmando que os estados mentais ou conscientes e os estados nervosos correriam paralelamente, sem contudo, que ocorressem de maneira simultânea, pois não haveria interferência de ambos nesse processo.

compreendermos melhor essa hipótese, é necessário esclarecermos algumas das concepções elaboradas por Freud no texto em questão. No início do “Projeto...”, Freud aponta o seu objetivo:

“O propósito é fornecer uma psicologia científica e naturalista, ou seja, expor os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição.” (FREUD, 2003, p. 175).

Freud busca formular sua teoria sobre os processos psíquicos a partir de dois postulados principais: a “quantidade”, definida como algo que diferencia a atividade do repouso, e o “neurônio”, definido como as partículas materiais que compõem o sistema nervoso. Freud comenta que essa concepção quantitativa do psiquismo decorreu diretamente da observação clínica das psicopatologias, nas quais foram observados fenômenos como, *substituição, conversão e eliminação (descarga da excitação)*.

Freud propõe que o “princípio de inércia”, ou seja, a tendência a descarregar toda a excitação recebida da forma mais direta possível, é o princípio primordial do funcionamento mental. Ele coloca, assim, na base do psiquismo, o movimento reflexo, ou seja, a tendência à descarga pela via motora das quantidades recebidas. De acordo com nosso autor, por natureza, tendemos a buscar a descarga de Q_n ou diminuí-la ao máximo possível. O aumento do nível de Q_n no aparelho geraria “desprazer” e sua diminuição produziria “prazer”, portanto, o psiquismo, compreendido nesses termos, teria a tendência primária de evitar o desprazer.

Em um segundo momento, Freud aborda a noção de neurônio e especula sobre como seria a comunicação entre os tecidos que compõem a rede neuronal. Freud não distingue os neurônios no sentido morfológico, mas sim no que se refere a modo como eles se comportam diante dos processos excitatórios. O preenchimento ou não dos neurônios poderia resultar na comunicação – permeabilidade – entre os mesmos. Entretanto, nosso

autor se depara com um problema particular nesse sentido: ele admite a possibilidade de permeabilidade dessas comunicações, mas ressalta que não podemos supor que todos os neurônios recebam a quantidade da mesma maneira. A percepção requer uma permeabilidade dos neurônios que não pode estar totalmente presente na memória. Por isso, Freud propõe a existência de sistemas de neurônios distintos, mais ou menos permeáveis devido à intensidade da e quantidade recebida. Assim, a permeabilidade ou não de determinado grupo de neurônios dependeria da intensidade da quantidade que ele recebesse: Os neurônios que receberiam quantidades muito intensas do mundo externo e, portanto, permitiriam passar Q_n , como se não houvesse algum tipo de barreira que dificultasse o curso excitatório, e outro grupo de neurônios que ofereceria resistência à passagem de parte desses estímulos, por receber excitação com menor intensidade(2003, p. 179). O sistema perceptivo receberia grandes somas de excitação do mundo externo através da intermediação dos órgãos sensoriais. Por isso, nenhuma resistência se oporia a passagem da excitação, de forma que os neurônios perceptivos seriam totalmente permeáveis. Já a memória receberia quantidades menos intensas, de forma que a passagem da excitação de um neurônio para o outro dependeria da superação de uma resistência das “barreiras de contato” que existiram entre os neurônios. Quando tal resistência fosse superada, se estabeleceria uma comunicação permanente entre os neurônios, denominada “facilitação”, de forma que se surgiriam, no sistema de memória, caminhos preferenciais, que possibilitaria a formação da memória. Freud faz as seguintes considerações sobre a memória:

“[...] a teoria das barreiras de contato permite as seguintes aplicações: uma característica principal do tecido nervoso é a memória, isto é, em termos bastantes genéricos, a capacidade de ser alterado permanentemente por processos únicos, o que dá um contraste muito acentuado com o comportamento de uma matéria que deixa passar um movimento ondulatório e a seguir retorna ao estado inicial. Uma teoria psicológica de

alguma relevância tem de fornecer uma explicação da ‘memória’”, (FREUD, 2003, p. 178)

Dessa forma, Freud pode deduzir que as barreiras de contato que se situariam entre os neurônios – que não permitem a livre passagem de Q_n – podem ser permanentemente alteradas em seu estado físico. Essa alteração é que possibilitaria a memória, o que merece nossa atenção nesse trabalho.

A elaboração de uma teoria psicológica, segundo Freud, precisa estar calcada na tentativa de compreensão do mecanismo que envolve a memória e sua participação na vida psíquica de maneira geral. Existiria, de acordo com nosso autor, uma diferenciação, como vimos, entre neurônios capazes de receber os estímulos externos e de os transmitir, sem nenhuma alteração em suas barreiras de contato, e os neurônios que recebem esses estímulos e acabam por reter parte dos mesmos, impedindo a livre descarga, o que caracterizaria a memória propriamente dita.

Os neurônios permeáveis ofereceriam pouca ou nenhuma resistência à passagem da excitação, pois “servem” apenas para percepção. Eles comporiam o que Freud chama de “sistema ϕ ”. Já os neurônios dotados de capacidade de retenção de Q_n , os portadores da memória, são chamados de ψ . Esses neurônios seriam responsáveis pelo aprendizado, por conterem traços permanentes decorrentes dos estímulos recebidos. As barreiras de contato permitiriam a memória, ou seja, seriam elas as responsáveis pela manutenção efetiva e contínua de um traço mnêmico (2003, p. 180), o que dependeria ordinariamente de como foi a força de impressão e a quantidade de repetições dessa impressão. Com essa hipótese sobre o neurônio, Freud nos oferece uma possível hipótese a respeito da característica do comportamento cortical do ponto de vista associativo, principalmente no que se refere à dinâmica do psiquismo, pois estabelece um “modelo” não somente descritivo, mas também explicativo sobre como se dá a organização e o desenvolvimento da memória. Por um lado, o aparelho neuronal

receberia os estímulos externos, a partir do sistema ϕ , que “captaria” esses estímulos externos sem reter nenhum tipo de informação, ou até mesmo sem reconhecer diferenças entre esses estímulos. De outro lado, no sistema de memória, haveria a capacidade de reter informações, dependendo da quantidade de carga e da repetição sua recepção.

O sistema ψ seria ocupado não apenas pelos estímulos externos, como afirmamos anteriormente, mas também, a partir do interior do organismo. Por serem pouco intensos, os estímulos internos teriam que se “somar” para poder ingressar em ψ e, assim, se configurar como um estímulo psíquico, ou seja, dar origem a uma representação. Freud propõe, então, uma diferenciação no sistema de memória entre “ ψ do manto”, que receberia as quantidades provenientes da percepção, e ψ do núcleo, que receberia as quantidades de origem endógena.

Outro sistema apresentado por Freud seria o sistema denominado por ele de sistema ω . Nosso autor busca encontrar nesse sistema o que chamamos de consciência e essa seria o outro ponto da arquitetura da psicologia quantitativa. Freud salienta que:

Segundo uma teoria mecanicista avançada, a consciência é só um aditivo aos processos fisiológicos-psíquicos, cuja supressão nada alteraria no curso psíquico. De acordo com outra doutrina, a consciência é o lado subjetivo de toda ocorrência psíquica, logo, inseparável do processo fisiológico mental. (FREUD, 2003, p. 190)

A colocação acima faz referência aos modelos centrais de pensamentos estudados por Freud. O primeiro a uma concepção epifenomenalista. O segundo modelo faz referência à doutrina de Franz Brentano, professor de filosofia de Freud, que defendia a existência de uma relação de identidade entre o psíquico e o consciente. Freud rompe com a identidade entre o psíquico e o consciente, ao sustentar a hipótese de que apenas uma parte das nossas representações se tornam conscientes. O sistema

ω seria o responsável pela produção das qualidades sensoriais, as quais se acrescentariam a apenas uma parte da memória.

Resta-nos, então, esclarecer o modo de funcionamento do sistema ω . Freud argumenta que os estados de consciência não podem ter sua origem no sistema ψ , pois esse seria responsável pela memória e teria como condição certas características de impermeabilidade, incompatíveis com aquelas da consciência, nem tão pouco podem se originar no sistema ϕ , pois este tem como função apenas captar os estímulos externos e, segundo, Freud a consciência está relacionada com níveis mais elevados do cérebro. Freud formula a hipótese de que os neurônios do sistema ω receberiam os estímulos do sistema ψ e seriam sensíveis ao período da excitação, do qual dependeria o surgimento de qualidades sensoriais. As qualidades sensoriais e as sensações de prazer e desprazer formariam o conjunto das sensações da consciência. O prazer e o desprazer resultariam diretamente do aumento e da diminuição, respectivamente, do nível de quantidade em ω e não do período da excitação.

O aparelho neuronal seria, então, composto pelos sistemas ϕ , ψ e ω e o curso da excitação seguiria rigorosamente essa sequência. No início, receberíamos os estímulos de origem externa em ϕ , os quais seriam transmitidos fracionados e enfraquecidos ao sistema ψ , que seria o responsável pela constituição de registros desses estímulos formando o que podemos chamar de representação. O sistema ω que receberia quantidade de ψ , daria origem a signos de qualidade, dos quais dependeria a consciência de uma representação. Como nem toda representação despertaria sinais de qualidade em ω ou nem toda representação teria tais sinais de qualidade ocupados pelo mecanismo da atenção de ψ , haveria a possibilidade de uma parte dos processos psíquicos permanecer

fora do domínio da consciência. Com isso, Freud introduz em sua teoria a hipótese de um psíquico inconsciente.

No trabalho de 1895 “Projeto de uma psicologia”, podemos perceber que Freud sustenta a possibilidade de um inconsciente dinâmico, mas que ainda não se refere a ele como um sistema. A hipótese de inconsciente como sistema será formulada nos textos seguintes, mais especificamente, na “Carta 52”, de 1896, e em “A Interpretação dos sonhos”, de 1900. Passemos à análise desses dois textos a seguir.

CAPÍTULO II: O SENTIDO SISTEMÁTICO DO INCONSCIENTE

Como vimos no capítulo anterior, a essência da psicologia freudiana, assim como o novo em sua hipótese, é que a memória – que seria independente da consciência – constitui a base do psíquico, e não a consciência, como defendia a maior parte das teorias psicológicas. No texto “Nota sobre o conceito de inconsciente na Psicanálise”, de 1912, Freud esclarece que a psicanálise atribui ao termo inconsciente três sentidos distintos. O primeiro sentido é adotado a partir da observação de que, embora um fato psíquico não esteja presente na consciência, ou seja, não esteja sendo percebido conscientemente, ele se mantém presente na estrutura da mente, ou melhor, na vida psíquica do indivíduo. O termo inconsciente é utilizado, portanto, no sentido *descritivo*, com o intuito de descrever fenômenos que são psíquicos, mas não são conscientes. Laplanche aponta para uma possibilidade de que não se trata de dizer que o inconsciente é “outra coisa além de si mesma” (1992, p. 122.), mas seria um desdobramento de nossa memória e que faz parte de nossa vida psíquica. Isso nos leva a inferir que podemos “voltar” a ter experiências vividas a partir de nossas experiências cotidianas.

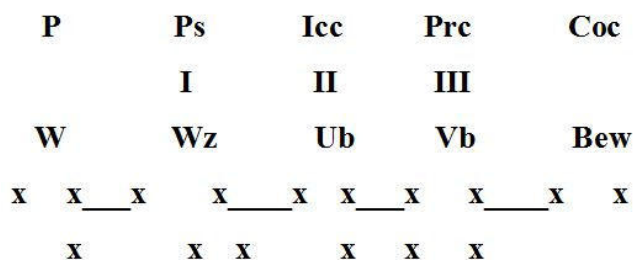
No entanto, não podemos afirmar que a falta, ou melhor dizendo, a ausência de consciência, seria uma saída para as questões relativas à mente. O problema que envolve a noção de inconsciente ultrapassa em muito a noção de consciência; é preciso observar que estamos tratando de uma questão muito específica que envolve processos complexos e que muitos elementos ainda não estão claros para nós. Esse desdobramento implica em aceitar que existe um conjunto de forças (dinâmica) que são, na sua concepção mais elementar, conflitantes e formam o tecido psíquico. A noção de inconsciente assume outro sentido, o qual decorre do fato de que elementos do

inconsciente, podem permanecer ativos e interferir na consciência, provocando algum tipo de atividade ou ação na tessitura da mente. Essa capacidade de interferência, ou ação, conduz à ideia de que as representações inconscientes mantêm sua capacidade de ação no psiquismo. Para designar essa capacidade é que Freud usa o termo inconsciente em sentido *dinâmico*. Assim, o termo inconsciente passa a ser analisado a partir da compreensão de que existe um conjunto de forças não conscientes, que influenciam o comportamento psíquico. Trata-se agora de buscar entender o inconsciente no sentido *dinâmico* do termo. Dessa forma, compreende-se esse sentido dinâmico, a partir do momento em que se constata a influência das representações inconscientes nos pensamentos e ações e, sobre tudo, nos sintomas. A partir da observação dos sintomas das neuroses e dos sonhos, nasce outra possibilidade de significado ao termo inconsciente: a acepção “sistemática”. Freud percebe que os processos inconscientes e insuscetíveis de consciência apresentam características diferentes daquelas do psiquismo que possui acesso à consciência. Para demarcar essa diferença é que ele propõe a hipótese de “sistema inconsciente”. Essa hipótese será delineada a partir da formulação da teoria sobre o “aparelho psíquico”. Portanto, o que se revela como inconsciente em sentido sistemático não é, em termos freudianos, uma oposição à consciência como sistema, mas ao contrário, “o inconsciente é um inconsciente que não é potencialmente capaz de ter acesso à consciência” (LAPLANCHE, 1992, p. 124). Freud jamais considerou a consciência como algo que não fosse um campo complexo que possibilitaria retornar ao início do nível da percepção. Essa lacuna, ou hiato, que está presente entre a consciência e o inconsciente seria o pré-consciente. Nele se encontram os elementos responsáveis pelo processo que serve como um “filtro” no caminho que parte da percepção para a consciência.

Para compreendermos melhor a gênese do aparelho psíquico devemos estabelecer um diálogo entre o aparelho neuronal do texto “Projeto de uma psicologia” de 1895, a “Carta 52” de 6 de dezembro de 1896 endereçada à Wilhelm Fliess e a obra “A Interpretação dos sonhos”, de 1900, principalmente o capítulo 7 dessa obra. Na “Carta 52” a Fliess, Freud antecipa questões importantes para a compreensão do mecanismo da memória e de como ela se desenvolve na tessitura da mente. Tais cartas contém algumas elaborações iniciais de Freud sobre o conceito de inconsciente como um sistema de representação diferenciado e que seria orientado por um princípio associativo específico. Freud argumenta, na *Carta 52*, que o mecanismo psíquico se forma a partir de um processo de *estratificação da memória*. Em outras palavras, o material mnêmico estaria sujeito a novas experiências e associações, de forma que, de tempos em tempos, sofreria um processo de retranscrição, a partir do estabelecimento de novas conexões. Freud propõe, nessa carta, a hipótese da estratificação da memória, ou seja, de que haveria vários sistemas de memória, nos quais os mesmos conteúdos estariam associados segundo princípios associativos diferentes. Esse processo aconteceria na medida em que novas experiências dessem origem a novas aquisições psíquicas e novas associações.

Para melhor compreendermos essas hipóteses, iremos explicar detalhadamente o esquema proposto por Freud a partir da imagem abaixo:

[Figura 7.]



No esquema apresentado, **W** (P) – *Wahrnehmungen* – são os neurônios responsáveis pelas percepções, ou seja, pela recepção dos dados obtidos a partir da experiência perceptiva externa. Esses neurônios não guardariam nenhum traço de memória do que aconteceu, sendo que consciência e memória se excluíam mutuamente justamente por haver diferenças essenciais entre ambas. O sistema dos signos de percepção **Wz** (Ps) – *Wahrnehmungszeichen* – representam a primeira transcrição, ou seja, o primeiro sistema de memória. Ele conteria os primeiros registros das percepções. Esse sistema não teria acesso à consciência e suas representações seriam organizadas a partir de relações de simultaneidade. O sistema **Ub** (Icc) – *Unbewusstsein* – representa a segunda inscrição mnêmica. É a inconsciência e suas representações estariam ordenadas por relações causais – *Kausalbeziehungen*. Neste sistema, se localizariam vestígios que correspondem a recordações de conceitos. Assim como no sistema dos signos de percepção, no inconsciente, as representações permaneceriam sem acesso à consciência. O sistema pré-consciente, **Vb** (Prcc) – *Vorbewusstsein* – consistiria na terceira inscrição. É nesse sistema que estaria presente, segundo Freud, as palavras e ele corresponderia ao nosso “eu”. Seu conteúdo mnêmico poderia se tornar consciente por conter associações verbais. Seria a partir da ativação alucinatória das palavras que surgiria a consciência. Uma observação importante que

nos chama a atenção na Carta 52 é que Freud deixa de teorizar sobre a relação entre o somático e o psíquico, como fizera no “Projeto...”

Assim como no *Projeto...* os sistemas de memória se situariam entre o órgão que seria responsável pela percepção (P) e a via motora (M) e, em cada um deles, as representações estariam ordenadas a partir de princípios associativos diferentes. As memórias seriam retranscritas (traduzidas) nos sucessivos registros. Haveria uma tendência ao nivelamento quantitativo: cada reescrita subsequente inibiria a anterior e desviaria do processo excitatório. Freud comenta na Carta 52:

“Cada reescrita posterior inibe a anterior e a desvia do processo excitatório. Toda vez que a reescrita posterior falta, a excitação é transmitida segundo as leis psicológicas que valem para o período psíquico anterior, e pelos caminhos de que se dispõem. (FREUD, 1896, p. 276)

Dessa forma, algumas memórias poderiam não ser retranscritas, devido ao fato de que essa transcrição produziria desprazer. Esse processo é o que Freud chama de “repressão”. As representações reprimidas seriam, então, aquelas que não foram traduzidas, ficando a parte das transcrições posteriores. Freud afirma que, nesse caso, a excitação produzida pelos estímulos externos ficaria circunscrita a transitar pelas vias neurológicas anteriores, pois não seriam criadas novas vias de associação. A repressão seria um mecanismo de defesa, ou seja, uma resistência natural ao desprazer, a qual estaria na base dos processos psíquicos.

Nota-se que é mantida na *Carta 52* a hipótese dos neurônios como o fundamento dos sistema de memória, assim como a hipótese da memória como consistindo em um processo associativo. Freud retoma também os conceitos de “facilitação” e de “barreira de contato”, apresentados no *Projeto...* . A principal novidade da teoria que Freud formula é a hipótese da estratificação da memória, ou seja, de que existem vários sistemas de memória, governados por diferentes princípios

associativos, e de que a memória é reorganizada de tempos em tempos. Um dos sistemas de memória seria o “inconsciente”, de forma que Freud introduz, nesse momento, o conceito de inconsciente como um sistema de memória específico, no qual as representações estariam organizadas de acordo com relações de causalidade. Tanto o sistema dos signos de percepção como o sistema inconsciente seriam “insuscetíveis de consciência”, portanto, o sistema inconsciente não corresponderia a todo o psíquico incapaz de se tornar consciente. Apenas as representações pré-conscientes teriam acesso à consciência.

Com isso, podemos inferir alguns pontos importantes na teoria que Freud elabora no “Projeto de uma psicologia” e na “Carta 52”. Em primeiro lugar, Freud aborda no “Projeto,,,” a noção de psíquico inconsciente com o objetivo de desvincular os conceitos da consciência e de representação. Apenas uma parte das representações, mais especificamente aquelas que estivessem ligadas a palavras e cujos signos de qualidade fossem focalizados pelo mecanismo da atenção, poderiam se tornar conscientes. Entretanto, nesse texto, a inconsciência parece fazer parte de um “estado” da representação, ou seja, a representação “está” inconsciente e não “no” inconsciente. Assim, está presente na teoria apenas o sentido “dinâmico” de inconsciente, tal como Freud o define em seu texto de 1912. Em segundo lugar, na “Carta 52”, nosso autor formula uma noção de inconsciente em sentido sistemático, ou seja, como um sistema de representações que se diferencia dos outros sistemas, devido ao fato de que suas representações estariam associadas de acordo com um princípio associativo específico. Essa noção será melhor será desenvolvida na obra “A Interpretação dos Sonhos”, de 1900, que iremos trabalhar posteriormente. Outro ponto importante a ser observado é que não podemos restringir o psíquico inconsciente ao sistema inconsciente, pois também as representações do sistema Ps seriam inconscientes. Ambas jamais poderiam

se tornar conscientes no funcionamento psíquico normal. Somente no sistema Pré (pré-consciente) é que se colocaria a possibilidade da consciência pois nesse sistema as associações estariam ligadas às palavras.

CAPÍTULO III: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

1. O fundamento dos fenômenos oníricos

Na obra *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900, Freud apresenta as bases de sua teoria psicanalítica. A partir das características dos sonhos, o autor formula algumas hipóteses gerais sobre o funcionamento mental normal e patológico. Através da análise dos sonhos, Freud percebe as pessoas expressam nos sonhos seus conflitos neuróticos. Ele acaba concluindo que se os sonhos são manifestações do inconsciente. Nos capítulos iniciais da obra, Freud busca expor suas hipóteses a partir da interpretação dos fenômenos oníricos, sem se preocupar, num primeiro momento, em explicar a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico. No sétimo capítulo do livro, ele se ocupa da formulação de uma teoria geral sobre o funcionamento mental, que possa ser colocada na base de suas hipóteses sobre os sonhos. Segundo Freud, “todo sonho se revela como uma estrutura psíquica que possui um sentido e que pode ser inserida num ponto designável nas atividades da vida psíquica” (FREUD, 1900, p. 29).

O autor comenta que, historicamente, o fenômeno onírico já era alvo da atenção de pensadores antigos; alguns filósofos buscavam compreender melhor os conteúdos oriundos dos sonhos associando esses fenômenos às manifestações divinas. Além disso, segundo a tradição antiga, tudo dependeria de um tipo de sacerdote que possuía a capacidade de *interpretar* os sonhos. Ele esclarece que nas obras de Aristóteles² os sonhos ocupam um lugar de destaque quando o filósofo nos alerta que os sonhos não são manifestações divinas ou de um ser superior, mas ao contrário, são de ordem inferior, já que se apresentam, segundo ele, como uma manifestação da natureza humana quando o mesmo se encontra em estado adormecido. Portanto, o sonho é, de

² Cf. *De somnis e De divinatione per somnum* In *Parva Naturália*, (2-3, 33, 97n2, 550).

acordo com Aristóteles, um produto da mente, de forma que seria possível perceber algum tipo de alteração no corpo que não estaria presente no estado de vigília. Para ele, seria possível perceber algum tipo de alteração no corpo que não pode ser observada no estado de vigília. Ao que nos parece, Aristóteles estaria ciente de que havia alguma forma de se analisar o comportamento humano a partir da observação dos fenômenos da vida onírica. Freud argumenta que:

“[...] a visão pré-científica dos sonhos adotada pelos povos da Antiguidade estava, por certo, em completa harmonia com sua cosmovisão do universo em geral, que nos levou a projetar no mundo exterior, como se fossem realidades, coisas que de fato só gozavam da realidade dentro de suas mentes” (FRED, 2010, p. 11).

Um ponto importante destacado por Freud que trazemos a lume em nosso trabalho, e que será talvez o ponto mais importante, é o fato já analisado anteriormente de que os sonhos “guardam” conteúdos vividos e que revelam para nós uma atividade mental relacionada diretamente com a memória inconsciente. De acordo com a argumentação do autor, existe um material no conteúdo do sonho que não temos como reconhecer – ao menos imediatamente – como parte de nosso conhecimento ou de nossa experiência no estado de vigília. Ainda segundo ele, lembramos dos sonhos e de ter sonhado com alguma coisa em questão, mas não nos lembramos de ter experimentado esses elementos na vida real. Com o passar do tempo, alguma nova experiência poderia ser capaz de “relembrar” algum fato perdido e esse acontecimento revelaria a fonte do sonho. O fato analisado por Freud de que os sonhos têm sob seu controle lembranças que não são acessíveis ao homem em seu estado de vigília é de grande importância teórica, por indicar a existência de processos insuscetíveis de consciência. Freud argumenta que os sonhos estão relacionados a memórias inconscientes, inacessíveis no estado de vigília. Logo, fica evidente a assertiva de que os sonhos são, de fato, produtos de nossa própria atividade mental. Ele defende, então, que todos os sonhos

consistem em realizações de desejos inconscientes. Essa é a tese central defendida em sua obra.

Ao analisar com atenção o capítulo 7 da presente obra, notamos uma preocupação de Freud em fundamentar suas hipóteses sobre os sonhos a partir de uma teoria geral do psiquismo, ou seja, a partir de uma teoria sobre o “aparelho psíquico”. Nos capítulos anteriores, nosso autor buscou compreender o fenômeno onírico a partir de possíveis interpretações dos sonhos, e da tentativa de compreender como esse fenômeno se organiza em nossa vida mental. No entanto, diz ele:

“[...] Não há possibilidade de explicar os sonhos já conhecida, e não há, no momento, nenhum conhecimento psicológico estabelecido a que possamos subordinar aquilo que o exame psicológico dos sonhos nos habilita a inferir como base de sua explicação, pelo contrário, seremos obrigados a formular diversas hipóteses que toquem provisoriamente na estrutura do aparelho psíquico e no jogo de forças que nele atuam” (FREUD, 2010, p. 292).

Assim, no sétimo capítulo da obra, Freud apresenta sua teoria sobre o “aparelho psíquico”, na qual retoma e desenvolve parte das hipóteses elaboradas em seus textos metapsicológicos precedentes.

1.1 A infidelidade da memória

Na seção A de “A Interpretação dos Sonhos”, Freud afirma que não temos nenhuma garantia de que é possível conhecer os sonhos tal como eles realmente ocorrem pois o que lembramos de um sonho já foi fragmentado pela nossa memória. Uma vez que não temos a capacidade de reter todo ou a maior parte do conteúdo sonhado, nossas lembranças dos mesmos são incertas e podem ser falseadas. Mas como então, pergunta-se ele, um evento onírico pode nos oferecer algum elemento confiável se não podemos – ao menos de imediato – determinar com clareza o material sonhado. Como podemos traduzir esses materiais em algum tipo de linguagem que possamos

interpretar. Nesse momento, Freud argumenta acerca da importância de cada matriz de *expressão linguística* em que o sonho se apresenta para nós.

Para ele, as modificações na descrição dos sonhos, em estado de vigília, não são arbitrárias como defendiam alguns outros pensadores, mas existe algo de “novo” em cada momento repetido na descrição desse mesmo sonho. Dessa forma, não seriam arbitrárias as descrições diferentes dos mesmos sonhos, mas existiria certa resistência em se descrever determinados fatos no decorrer da narrativa. Essa resistência se daria, segundo Freud, a partir do modo como o sonhador se comportasse em relação à descrição do mesmo. Diz ele: “o empenho do sonhador em impedir a solução do sonho fornece-nos uma base para inferir o cuidado com que seu manto foi tecido” (FREUD, 2010, p. 294). Há uma atenção especial para descobrir o real sentido do esquecimento dos sonhos. É fato que esquecemos de alguns detalhes e até mesmo de todo o sonho com o passar do tempo, mas, isso aconteceria por causa do poder da censura psíquica. O que salta aos olhos de nosso autor é o fato de que, ao analisar alguns pacientes no meio de um trabalho de interpretação, uma parte desse sonho, que anteriormente fora esquecida, reaparece como que um “elemento novo”, mas que, na verdade, não foi apresentado anteriormente devido à resistência de tais pacientes em revelar esses elementos. Conclui-se, então, a partir disso, que o esquecimento é de ordem tendenciosa e serve aos propósitos da resistência.

Entretanto, o problema da interpretação dos sonhos se mostra cada vez mais pertinente e indissolúvel e tudo isso tem a ver com a condição mental do indivíduo analisado. Uma atenção à colocação de Freud é importante nesse momento:

“Uma observação que pude fazer durante a preparação desse escrito mostrou-me que os sonhos não são mais esquecidos do que outros estados mentais e podem ser comparados, sem nenhuma objeção, com outras funções mentais, no que diz respeito a sua permanência na memória” (FREUD, 2010, p. 297).

Uma vez que os sonhos são preservados na memória, assim como as demais funções mentais, o esquecimento e as falhas na rememoração dos sonhos devem-se a outros fatores. Isso corrobora a hipótese de Freud de que tal esquecimento não é aleatório, mas apresenta algum propósito: o disfarce do real conteúdo do sonho, o qual contém material reprimido e, portanto, fonte de desprazer.

1.2) A estrutura do aparelho:

Na seção B da citada obra, Freud não assume claramente uma identidade entre o aparelho psíquico e o aparelho neurológico, mas ao mesmo tempo, não abandona parte das hipóteses neurológicas anteriormente adotadas. Ele argumenta que a localização psíquica não deve ser identificada à localização anatômica no cérebro. Diz ele:

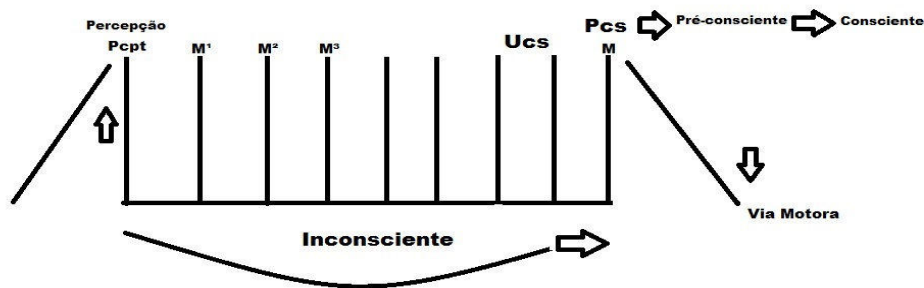
“Desprezarei por completo o fato de que o aparelho anímico em que estamos aqui interessados é-nos também conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica. (FREUD, 2010, p. 305)

Diferentemente do que faz em seus textos anteriores, Freud insiste em se manter no campo psicológico (FREUD, 2010, p. 305). Ele defende a hipótese de que o sistema psíquico não segue necessariamente uma ordem espacial, fixa, como o sistema orgânico neurológico. Esse fato “novo” introduzido pelo autor é um dos pontos centrais de sua teoria, principalmente no que diz respeito à memória. Para ele, a ordem atribuída aos sistemas de representação não necessariamente teriam que corresponder à ordem *espacial* entre eles, mas diria respeito a uma ordem *temporal*. Esse avanço possibilita

pensar as questões referentes ao sistema psíquico do ponto de vista psicológico e não mais necessariamente neurológico.

O conceito de psíquico inconsciente é utilizado pela primeira vez na obra metapsicológica freudiana, como vimos, no texto de 1895, “Projeto de uma psicologia”. Nesse texto, o autor descreve, a partir da hipótese de um aparelho neuronal, processos que ocorreriam no sistema nervoso, e que, segundo ele, estariam relacionadas com a anatomia cerebral. Esse aparelho seria constituído por três sistemas de neurônios: O sistema de percepção (sistema ϕ), o sistema de memória (sistema ψ), e o sistema que seria então o responsável pelas qualidades que dizem respeito às sensações conscientes (sistema ω). Ele argumenta que as percepções, enquanto veículo de recepção dos estímulos externos, teriam sempre as mesmas capacidades receptivas, e permaneceriam em estado de equilíbrio (igualdade), pois em nada se modificariam a partir da excitação que a recebem. Contudo, a memória acabaria por reter e conservar alguns traços que passam a ser permanentes. Dessa forma, a memória, de acordo com a argumentação freudiana, não somente teria a função de conservar o conteúdo das percepções, mas também o de associar esse conteúdo a partir de determinadas regras. Na *Carta 52*, de certa forma, Freud retoma essas hipóteses, mas ele propõe a hipótese da estratificação dos sistemas de memória, ou seja, propõe a existência de três sistemas de memória (Os, Ic e Prc). No capítulo 7, Freud retoma a hipótese da estratificação da memória, no entanto, defende a existência de mais sistemas de memória. O esquema apresentado por Freud para ilustrar suas hipóteses³ nos ajudam a compreender melhor suas colocações:

³ O esquema apresentado a seguir é o somatório da figura 1, 2 e 3 apresentado no texto (seção B) original do autor.



No esquema, podemos observar que Freud propõe a existência de mais sistemas *mnêmicos*. Ele afirma não ser possível definir quantos sistemas de memória existem, mas que é preciso supor vários. Novamente, ele aponta as dificuldades em se supor que o mesmo sistema possa reter as modificações correspondentes as excitações e as recebê-la, uma vez que a percepção, ao contrário da memória, requer que haja uma total permeabilidade, ou seja, requer a existência sempre das mesmas capacidades receptivas. Dessa maneira, Freud diferencia entre a percepção e a memória. O primeiro sistema do aparelho receberia os estímulos perceptivos, porém, não preservaria nenhum traço desses estímulos. Já a memória apresentaria a capacidade de ser modificada pela passagem dos estímulos, de forma a conter representações. Na memória, existiria algum tipo de retenção de parte dos conteúdos originários da percepção. Freud novamente recorre aos conceitos de “facilitação” e “resistência” para explicar a constituição dos traços mnêmicos. As excitações que incidissem sobre o Pcpt (percepção) seriam transmitidas aos sistemas de memória, onde dariam origem a traços permanentes a partir da constituição de facilitações e da diminuição da resistência. Note que a percepção está no lado esquerdo do diagrama, assim como, do outro lado, a capacidade de motilidade (capacidade de movimento), assim o reflexo seria o modelo da atividade psíquica. Fica evidente que o principal objetivo do aparelho seria o de liberar a excitação recebida para que ocorresse a satisfação das necessidades corporais. Freud afirma:

“É o sistema Pcpt, desprovido da capacidade de reter modificações, e, portanto, sem memória, que supre nossa consciência de toda a multiplicidade das qualidades sensoriais. Por outro lado, nossas lembranças – sem excetuar as que estão mais profundamente gravadas em nossa psique – são inconscientes em si mesmas. Podem tornar-se conscientes, mas não há dúvida de que produzem todos os seus efeitos quando em estado de inconsciente. O que descrevemos como nosso “caráter” baseia-se nos traços mnêmicos de nossas impressões.” (FREUD, 2010, p. 307)

Freud especifica, então, dois dos sistemas de memória: o inconsciente e o pré-consciente. Diz ele:

“Descrevemos o último dos sistemas situados na extremidade motora como ‘pré-consciente’, para indicar que os processos excitatórios nele ocorridos podem penetrar na consciência sem maiores empecilhos, desde que certas condições sejam satisfeitas: por exemplo, que eles atinjam certo grau de intensidade, que a função que só se pode descrever como ‘atenção’ seja distribuída de uma dada maneira. Descrevemos o sistema que está por detrás dele como ‘inconsciente’, pois este não tem acesso à consciência *senão através do pré-consciente*, ao passar pelo qual seu processo excitatório é obrigado a submeter-se a modificações.” (FREUD, 2010, p. 308)

No esquema proposto pelo autor, os dois últimos pontos representam o Pré-consciente (Pcc) e o Inconsciente (Icc). Entre esses dois sistemas haveria uma censura, que faria uma seleção dos conteúdos que poderiam ingressar no pré-consciente. As representações do sistema Icc seriam insuscetíveis de se tornarem conscientes no funcionamento psíquico normal e apenas as representações pré-conscientes teriam acesso à consciência, ou seja, seriam suscetíveis de consciência. No entanto, como afirma na passagem acima, as representações do pré-consciente teriam que cumprir certas condições para poderem efetivamente se tornar conscientes, de forma que parece ser possível supor que parte das representações do pré-consciente não chegariam, de fato, a se tornar conscientes. O sistema Pcc estaria ligado à consciência e controlaria o sistema de motilidade. Freud supõe que o sonho teria como ponto de partida o sistema Ics, pois seria nesse sistema que teria origem a força impulsionadora dos fenômenos

oníricos. No sonho, um desejo do inconsciente se associaria a representações pré-conscientes, formando o “conteúdo latente” do sonho. Esse conteúdo latente sofreria um processo de distorção, denominado “elaboração onírica”, o qual o transformaria no “conteúdo manifesto” do sonho. O que recordamos dos sonhos, ao acordar, é o seu conteúdo manifesto. No processo de análise, o verdadeiro conteúdo do sonhos, seu conteúdo latente, tentaria ser desvendado. Freud defende, então, que os sonhos são realizações disfarçadas de desejos inconscientes. Nos sonhos, representações reprimidas conseguiriam se manifestar na consciência, ainda que de forma indireta.

No texto de 1909 intitulado “Cinco lições de psicanálise” Freud afirma que ao verbalizar os conteúdos dos sonhos, o paciente busca encontrar nas palavras o significado mais exato da descrição dos sonhos. Entretanto, esse processo acaba por mostrar que nem todas as palavras refletem corretamente o significado dos fenômenos oníricos. Freud afirma que “quem sonha, portanto, reconhece tão mal o sentido de seus sonhos, como o histérico as correlações e a significação de seus sintomas” (1909, p. 23). Os pensamentos latentes refletem esse caminho ou acesso ao inconsciente, e, nesse sentido, acaba por revelar as características mais elementares no que se refere aos sintomas da histeria.

1.3) A relação entre o processo primário e o secundário e a noção de repressão

Caropreso comenta em sua tese que “a distinção entre os sistemas Icc e Pcc corresponde à distinção entre dois tipos de processos que se sobrepõem: o primário e o secundário” (CAROPRESO, 2006, p. 84). O sentido, ou melhor, a finalidade dos processos associativos primários seria a de descarregar de maneira mais rápida e mais direta as excitações recebidas. Inicialmente, os dois sistemas não se diferenciariam; só haveria o processo primário. Aos poucos, à medida em que o processo primário fosse

inibido, emergiria o secundário. A impossibilidade de satisfação das necessidades a partir da descarga imediata da excitação faria com que essa fosse sendo inibida, de forma a emergir o processo secundário (Pcc), que reteria parte da excitação e buscaria descarregá-la levando em consideração as exigências da realidade.

A inibição do processo primário, contudo, não seria total, pois uma parte das representações presentes nesse processo permaneceria subtraída à influência do Pcc. Dessa maneira, mesmo no funcionamento psíquico normal, o processo primário e o secundário coexistiriam. As representações que permaneceriam incluídas no processo primário seriam de dois tipos: as reprimidas – ou seja, aquelas que foram incorporadas ao processo secundário mas acabaram sendo excluídas desse processo, devido à impossibilidade de se evitar o desprazer por elas evocado – e as moções de desejo desde a origem inconscientes, isto é, aquelas que nunca foram integradas ao processo secundário. Segundo o que Freud propõe, devido ao estabelecimento tardio deste último processo, um grande segmento do material mnêmico permaneceria inacessível a ele. Sendo assim, podemos dizer que o conteúdo do sistema Icc, ou do processo primário, seria de dois tipos: moções de desejo desde a origem inconscientes e representações que foram reprimidas (CAROPRESO, 2006).

Uma vez que o psíquico insuscetível de consciência e o suscetível de consciência corresponderiam a dois tipos de processos, ele apresentariam propriedades diferentes. Os processos insuscetíveis de consciência não seriam apenas, como no “Projeto...”, aqueles excluídos das associações verbais, mas seriam processos primários e, por isso, eles seriam indestrutíveis, atemporais, regidos unicamente pelo princípio do prazer. Já os processos suscetíveis de consciência seriam processos secundários e, portanto, levariam em conta a realidade, seriam destrutíveis, comportariam a ideia de tempo.

Na carta 52, Freud já havia introduzido a hipótese de sistema inconsciente e pré-consciente e, portanto, a distinção entre a parte do psiquismo suscetível de consciência e aquela insuscetível de consciência já havia sido estabelecida. No capítulo 7, no entanto, Freud especifica quais seriam as características dos sistemas Icc e Pcc. No capítulo 7, a “repressão” é concebida de forma diferente da carta 52. Nessa carta, a repressão corresponderia a não tradução das representações na passagem de qualquer um dos sistemas para o outro. No capítulo 7, a repressão passa a ser pensada como um processo que se daria exclusivamente entre os sistemas Icc e Pcc, ou seja, como um processo em que uma representação pré-consciente seria excluída desse sistema e voltaria a fazer parte do Icc, devido ao desprazer por ela evocado. Assim, a repressão é um mecanismo que estaria a serviço do princípio do desprazer.

De acordo com o esquema freudiano os processos psíquicos seriam regulados pelo princípio do desprazer. Freud faz algumas reflexões interessantes a respeito da inibição de descarga exercida pelo segundo sistema e a “regulação” efetuada pelo princípio do prazer. Ele afirma que, ao incidir no aparelho primitivo algum estímulo (perceptivo) que tenha como origem uma excitação de ordem dolorosa, isso tem como resultado alguma manifestação desordenada no âmbito da coordenação motora. Quando essa percepção reaparece, o movimento de retração é dado imediatamente até que a percepção torne a desaparecer. Evitar a “lembrança” não passa, segundo Freud, de uma repetição da fuga anterior frente à repetição. Isso conduz à conclusão de que, no que diz respeito ao princípio de desprazer, o primeiro sistema (ψ) seria totalmente incapaz de preservar no seu interior qualquer elemento que seja desagradável. Como consequência disso, o interior do ser que se encontra mergulhado em um amálgama de desejo inconsciente fica inacessível à nossa compreensão, assim como, inibido pelo sistema Pcc (pré-consciente) explica Freud. Logo, esse sistema se concentra em

direcionar, por caminhos convenientes, os elementos oriundos do inconsciente, que, nesse caso, seriam os desejos. Freud nos adverte que a realização dos desejos reprimidos não mais geraria um afeto de prazer, mas sim de desprazer. Esse fenômeno o autor chama de *repressão* ou *recalcamento* (FREUD, 2010, p. 336).

Assim, os processos que ocorressem no sistema Icc do aparelho psíquico seriam de ordem irracionais, pois consistiriam os processos primários. Os processos secundários se mostram como um desdobramento dos primários no sentido de sobrepor-se aos processos primários. Freud aponta que:

“Em consequência do aparecimento tardio dos processos secundários, o âmago de nosso ser, que consiste em moções de desejos inconscientes, permanece inacessível à compreensão e à inibição do pré-consciente; o papel desempenhado por este restringe-se para sempre a direcionar pelas vias mais convenientes as moções de desejo vindas do inconsciente.” (FREUD, 2010, p. 343)

1.4) A relação entre o inconsciente e a consciência

Na seção F de *A interpretação dos sonhos*, Freud alerta que não existem dois sistemas próximos à extremidade motora do aparelho, mas o que há na verdade são dois tipos de processos de excitação ou “modos de descarga dessa excitação” (1990, p, 598). Nesse momento que o autor busca estabelecer distinções entre os sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente. Ele comenta que :

“Desse modo, podemos agora falar de um pensamento inconsciente que procura transmitir-se para o pré-consciente, de maneira a poder então fazer parte da consciência. O que temos em mente aqui, não é apenas a formação de um segundo pensamento situado num lugar novo, como que um tipo de transcrição que continuasse a existir em acordo com o original; e a noção de irromper na consciência se mantém cuidadosamente livre de qualquer ideia de uma mudança de local” (FREUD, 2010, p. 346).

O problema do inconsciente, na maior parte das teorias psicológicas da época, não era levado em consideração. Tais teorias consideravam, em sua maior parte, que todo psíquico seria consciente, de forma que a consciência sempre foi o ponto central

das investigações referentes à psicologia. O. Freud argumenta que, “Médico e filósofo só podem unir-se quando ambos reconhecem que a expressão ‘*processos psíquicos inconscientes*’ é ‘*a expressão apropriada e justificada de um fato solidamente estabelecidos*’ (2010, p. 346), em outras palavras, o inconsciente é a base real e verdadeira da realidade psíquica. Não existe, em termos freudianos, duas “mentes” ou duas formas de pensar; o pensamento que é de ordem pré-consciente que pela dinâmica de suas estruturas se torna reprimido passa a ser absorvido e organizado pelo inconsciente. Essa distinção, como vimos, não envolve duas localizações diferentes, mas trata-se de duas formas de processos que se sobrepõem.

Segundo Freud, os sonhos nos mostram que o psíquico inconsciente apresenta características distintas daquelas do restante da vida psíquica. Ele enfatiza que o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica e que ele só pode ser conhecido a partir dos dados da consciência, pois, em si mesmo, é incognoscível. Em suas palavras:

“O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais.” (FREUD, 2010, p. 347)

O inconsciente, para Freud, consistiria em um tipo de processo diferente daquele da parte do psiquismo que poderia se tornar consciente. Mas qual seria então o papel da consciência para Freud na obra “A Interpretação dos sonhos”? Nosso autor afirma que a consciência é apenas um órgão sensorial que teria a função de “percepção das qualidades psíquicas” (2010, p. 348). Freud defende a existência de um sistema consciente que se situaria ao lado do Prcc, correspondendo ao último sistema da extremidade do aparelho. O que Freud compreende por consciência seria, então, o elemento responsável pela produção de qualidades sensoriais. Para que uma representação se tornasse consciente, além de despertar qualidades sensoriais, seria

preciso que essas fossem focalizadas pelo mecanismo da atenção. Nesse sentido, podemos compreender que uma coisa é a captação dos estímulos pelo sistema responsável pela percepção e, outra, é a produção de “qualidades sensoriais” e a consciência das mesmas, ou seja, essas qualidades passarem a ser percebidos pela atenção.

Freud afirma que “o aparelho psíquico que, com o órgão sensorial dos sistemas P, está voltado para o mundo exterior, é ele mesmo mundo exterior para o órgão sensorial da Cc. Inicialmente, apenas as excitações provindas de P e aquelas relacionadas ao prazer e ao desprazer – isto é, certas oscilações quantitativas dentro do aparelho – seriam capazes de se tornar conscientes. Essa excitação proveniente de P teria que passar por um complexo processamento antes de se converter em sensação consciente, diz Freud. Ela teria que percorrer todo o aparelho e passar pelo Pccc, sistema este que submeteria todo conteúdo perceptivo a novas elaborações. Dessa forma, as percepções não despertariam diretamente a consciência. Todo processo que se tornasse consciente teria uma etapa prévia inconsciente. Portanto, a consciência continuaria sendo posterior à memória, ou seja, ela continua sendo concebida como algo que pode, ou não, se acrescentar a uma representação. As sensações de prazer e desprazer, ao direcionarem os processos associativos, assim como a percepção dos objetos externos, contribuiriam para a sobrevivência do sujeito, pois permitiriam a fuga do que lhe representa perigo e a aproximação ao que lhe é benéfico. Esse direcionamento da atenção exercido pela consciência teria, então, uma função imprescindível no desenrolar dos processos psíquicos (CAROPRESO, 2006).

As percepções poderiam surgir no aparelho por duas vias distintas: a partir da recepção de excitação de origem exógena ou a partir da ocupação do sistema P por excitação proveniente do interior do aparelho, isto é, dos sistemas de memória. O fluxo

de excitação que percorreria o aparelho do sistema P até a via motora é chamado por Freud de “progressivo”, e a excitação que o percorreria no sentido inverso, ou seja, dos sistemas de memória ao sistema P, caminharía em sentido “regressivo”. Na vigília, a excitação em sentido progressivo predominaria, embora também pudesse ocorrer nesse estado fluxos regressivos, pois uma das etapas da rememoração comum consistiria na ocupação regressiva do sistema P. No estado de sono, ao contrário, devido ao cessar quase total da corrente progressiva, da redução parcial da atividade do Prcc – isto é, da liberação do processo primário – e da atração exercida pelas recordações próximas à percepção, o fluxo regressivo se tornaria bem mais intenso e, conseqüentemente, a ocupação do sistema P poderia produzir alucinações. Esse percurso regressivo da excitação teria como resultado a transformação dos pensamentos em imagens sensoriais – isto é, a partir desse processo os pensamentos seriam transpostos em percepções e, como toda percepção, seriam capazes de alcançar a consciência e atrair sobre si a atenção pré-consciente. A reativação alucinatória das representações poderia ocorrer também, em condições patológicas, durante a vigília, ou seja, na presença de um fluxo progressivo de excitação intenso (CAROPRESO, 2006).

Esses processos regressivos que conduzem à alucinação, tal como ocorre nos sonhos e nas psicoses, resgatariam o modo de atividade primário do aparelho: em primeiro lugar, devido ao seu caráter alucinatório e, em segundo lugar, por submeterem o material representacional aos princípios formais primários, isto é, aqueles vigentes nos primeiros sistemas Mn. Nesse sentido é que Freud diz que a “regressão tópica” é também uma “regressão temporal” e uma “regressão formal”. Então, a consciência originalmente decorreria apenas das sensações de prazer e desprazer e das percepções, e estas últimas poderiam surgir no aparelho por dois caminhos distintos. Freud mantém, ainda, a idéia de que com a associação dos processos às palavras, surgiria um novo tipo

de consciência, intermediado pelas associações lingüísticas. Antes da constituição das representações-palavra, os processos psíquicos seriam regulados automaticamente pelas sensações de prazer e desprazer. Com a associação de tais processos a palavras, eles de certa forma, se tornariam independentes dessa regulação imposta pelo prazer e pelo desprazer. Ao comentar o papel dos signos lingüísticos nos processos associativos, Freud diz que é a associação com a representações-palavra que tornaria possível o acesso, por parte da ocupação pré-consciente, a representações desprazerosas, o que aperfeiçoaria o modo de operação do aparelho, pois instauraria uma regulação dos processos mais fina, do que aquela primária, exercida pelas sensações de prazer e desprazer (CAROPRESO, 2006).

Não fica claro de que maneira o sistema consciente produziria qualidades sensoriais. No “Projeto...”, Freud afirmara que a consciência seria o “lado subjetivo” dos processos neuronais que comporiam o sistema ômega e que esse sistema seria sensível ao “período” da excitação. No capítulo 7, Freud não assume um posicionamento claro sobre a relação entre o cérebro e a consciência e não formula nenhuma hipótese sobre como se daria a produção de qualidades sensoriais. Assim, a seguinte questão permanece em aberto: o que tornaria possível um processo pré-consciente se tornar consciente, ou seja, a partir de que processo uma representação pré-consciente poderia “despertar” qualidades sensoriais. Freud especifica que seriam as representações de palavra que permitiriam que uma representação fosse memorada e que tais representações estariam presentes apenas no sistema pré-consciente. No entanto, ele supõe que haveria uma censura também entre o pré-consciente e o consciente, de maneira que parte das representações desse último sistema poderiam permanecer sem acesso à consciência. Assim, haveria uma censura entre o inconsciente e o pré-consciente e outra entre o sistema pré-consciente e a consciência.

CONCLUSÃO

Como conclusão desse trabalho dissertativo, podemos apontar alguns elementos importantes na nossa busca por tentar esclarecer os pressupostos básicos que Sigmund Freud propõe em relação à gênese da noção de inconsciente. Em primeiro lugar, no texto “Projeto de uma psicologia”, o autor busca compreender, e a partir disso esclarecer, os processos psíquicos, levando em consideração dois importantes conceitos : a noção de quantidade e a de neurônio. A partir dessa abordagem inicial é que Freud assume os seus pressupostos mais fundamentais, ao admitir que os fenômenos psíquicos têm sua origem na organização de parte do sistema nervoso.. . Nesse texto, Freud introduz, em sua teoria metapsicológica, a ideia de inconsciente psíquico, ao defender que apenas parte de nossas representações despertam qualidades sensoriais e se tornam conscientes. Freud passa a defender que a memória é independente da consciência e que esta é uma qualidade que pode se acrescentar a apenas uma parte de nossas representações. Com isso, ele introduz as acepções “dinâmica” e “descritiva” de inconsciente.

Nesse momento inicial, Freud claramente identifica os processos psíquicos inconsciente a processos cerebrais. As representações inconscientes corresponderiam a processos associativos entre os neurônios. Não há, portanto, uma ambição clara de nosso autor de separar – num primeiro momento – os fenômenos psicológicos dos fenômenos orgânicos..

.A partir disso, podemos considerar que Freud baseia suas análises na perspectiva de que poderemos, num certo momento futuro, confirmar que não há diferenciação entre os fenômenos psicológicos e os fatos físicos do ponto de vista orgânico. Assim, nesse primeiro texto apresentado no primeiro capítulo de nosso

trabalho, Freud propõe a ideia da psicologia como uma ciência natural, afastando as explicações de ordem especulativa filosófica que não se norteiam em embasamento empírico, tão importante na compreensão do problema que envolve a noção de inconsciente. O que não significa que não haja uma filosofia de característica profunda em seu trabalho, mas não se percebe uma tentativa de se oferecer uma filosofia que não seja outra se não a da natureza humana. Assoun comenta que:

“Na epistemologia freudiana, pois não há lugar para um dualismo. Tanto isso é verdade, que a distinção entre as *Geisteswissenschaften* e as *Naturwissenschaften* remete a uma distinção de duas esferas axiologicamente diferentes” (ASSOUN, 1983, p. 50).

É nesse sentido que a psicologia freudiana se desenvolve mais fundamentalmente, ou seja, é assumindo a postura de uma ciência humana natural que Freud ultrapassa os limites da simples descrição explicativa (*erklären*), indo ao encontro de uma ciência compreensiva (*verstehen*) e se mantendo aberto para outras possibilidades no campo epistêmico. Já não basta explicar o fenômeno, mas é necessário também compreender os princípios que levam esses mesmos fenômenos acontecerem e isso se revela a partir dos desdobramentos ocorridos em seus trabalhos. O postulado reducionista, assumido por grande parte dos cientistas contemporâneos de Freud,⁴ evitavam tratar as ciências como sendo algo especulativo em termos que não fossem comprovados cientificamente. Por esse motivo, o texto de 1895 é, sem dúvida, um grande trabalho de fundamento singular e importante para a composição do que nosso autor aponta como inconsciente, sem abandonar os pressupostos fisiológicos adotados pelos cientistas de seu tempo. É no “Projeto... que Freud começa assumir que

⁴ O postulado a que o texto se refere, trata-se do juramento elaborado por Du Bois-Reymond que reivindica o primado de que somente as forças físicas e químicas, sem a participação de nenhuma outra, agem no interior dos organismos.

não podemos compreender da mesma maneira “mente” e consciente, pois o inconsciente constitui a maior parte do psiquismo.

Na carta 52, endereçada à Fliess em 1896, Freud busca compreender melhor a organização do aparelho psíquico, a qual é melhor tratado no texto de 1900, “A interpretação dos sonhos”. Nessa carta, Freud retoma boa parte de suas hipóteses do “Projeto...”, mas apresenta algumas modificações importantes, como, por exemplo, o processo de desdobramentos sucessivos da memória, a qual seria constituída porá partir de um processo de estratificação dos traços mnêmicos. Esse processo se daria ao longo da vida do indivíduo e formaria o “tecido” mental do desenvolvimento do sujeito. É mantida na carta de 1896 a hipótese de que o sistema neuronal é fundamentalmente importante na formação e constituição da memória. Essa carta busca organizar de maneira sintética e muito profícua os problemas enfrentados por Freud a respeito das neuroses de defesa, principalmente as que se manifestam sob a lógica do prazer e desprazer. Na carta 52, Freud introduz a hipótese de inconsciente como um sistema de memória regido por um princípio associativo específico, ou seja, nela, a acepção sistemática de inconsciente é introduzida.

Em sua obra sobre os sonhos, Freud dá continuidade a sua teoria sobre o inconsciente. Ele argumenta. Nesse texto, que os sonhos revelam a complexidade dos pensamentos latentes, se afastando das explicações de que os sonhos são apenas simples resíduos do pensamento. Interpretar os sonhos, de acordo com Freud, não é decalcar ou simplesmente descrever as manifestações oníricas como pensavam os teóricos anteriores. No sétimo capítulo da obra, Freud formula uma complexa teoria sobre o funcionamento mental com o objetivo de explicar não só os sonhos, mas também os processos mentais em geral.. N Nesse momento, o aparelho psíquico é pensado como sendo composto por três sistemas básicos: o inconsciente (Ics), o pré-consciente (Pcs) e

o consciente (Cs). O Ics seria a “base” das reminiscências ou lembranças não diretamente acessáveis à consciência. Ele consistiria na parte central da memória.. O pré-consciente seria uma área, ainda inconsciente,, mas cujas representações poderiam alcançar a consciência devido à sua associação com representações de palavras. A consciência seria a superfície do aparelho psíquico; seria a parte do aparelho responsável pela produção de qualidades sensoriais.. Freud sustenta que só uma parte dos processos psíquicos alcançam a consciência e que a consciência de uma representação não depende apenas da evocação de qualidades sensoriais, mas também da focalização das mesmas pelo mecanismo da atenção. Assim, mesmo no pré-consciente, existiriam representações que não se tornariam conscientes.

Freud identifica o inconsciente ao processo primário e o pré-consciente ao processo secundário e esclarece, então, as características peculiares a cada um desses processos. Ele sustenta que o sistema inconsciente seria composto por representações reprimidas e por representações que nunca alcançaram o pré-consciente, de forma que haveria um núcleo de representações no inconsciente, que seriam inconscientes de sua origem.

A consciência se revela, então, para Freud, como resultante de um longo processo que se desdobra de forma inconsciente. A memória não seria apenas um “lugar” em que inserimos registros de nossas experiências, mas seria um processo, a partir do qual nossas representações – ou ideias – se organizariam constantemente a partir de novas experiências. Freud argumenta que a possibilidade de rememoração consciente depende das associações que constituem as palavras, de forma que é possível inferir que o material psíquico que permanece inconsciente é aquele que não chega a ser associado a palavras.

Outro ponto importante do livro de Freud sobre os sonhos é o fato de que Freud aponta para a possibilidade de se desenvolver uma teoria do aparelho psíquico sem se referir diretamente a anatomia do cérebro, sendo de grande importância para a concepção de um estatuto epistemológico claro e mais coerente.

Assim, dessa forma, percebemos nesse trabalho que Freud permanece fiel aos desafios epistêmicos de sua época, mas que se coloca, ao mesmo tempo, emancipado cientificamente ao propor outras possibilidades de compreensão dos fenômenos que envolvem a mente humana. Assim evidencia isso ao dizer que “a psicanálise não tem necessidade de epistemologia; ela a possui; e é a isso que se chama propriamente freudismo: basta objetivá-lo novamente (1983, p. 19).

REFERÊNCIA

ASSOUN, P. L. Freud: A filosofia e os filósofos / Paul-Laurent Assoun. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, F. Alves, 1978.

_____. Introdução à epistemologia freudiana / Paul-Laurent Assoun. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago. 1983

CAROPRESO, F. Freud e a natureza do psíquico e o sentido da metapsicologia na psicanálise freudiana. São Carlos: UFSCar, 2006.

_____. O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

_____. Inconsciente, cérebro e consciência: reflexão sobre os fundamentos da metapsicologia freudiana. *Scientia studia*, São Paulo: 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000200007>. Acesso em: 16 dez. 2017, 22:09.

FILLOUX, G. P. O inconsciente. In: Universidade hoje. São Paulo. Martins Fontes. 1988

FREUD, S. Zur Auffassung der Aphasien: eine Kritische Studie. Leipzig: Franz Deuticke.

_____. Cinco lições de psicanálise. (1910 [1909]) In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____. Projeto de uma Psicologia. (1895[1950]), In: O. GABBI Jr. *Notas a "Projeto de uma Psicologia"*. Trad. de Osmyr Faria Gabbi Jr. Rio de Janeiro, Imago, 2003.

_____. Interpretação dos sonhos. (1900). Tradução: Walderedo Ismael de Oliveira. São Paulo, Folha de São Paulo, 2010.

_____. Fragmentos de la Correspondencia com Fliess. (1950 [1892-99] in: *Sigmund Freud Obras Completas*. Trad. de José L. Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu, vol. 1. 2003.

JACHSON, J. H. Evolution and dissolution of the nervous system. In: Taylor, J. (Org). *Select writings of John*

LAPLANCHE, J. O inconsciente e o id: seguido de: o inconsciente: um estudo psicanalítico / Jean Laplanche, S. Leclair; tradução Álvaro Cabral. São Paulo. Martins Fontes. 1992

ROZA, G. Introdução à metapsicologia freudiana. Rio de Janeiro, Zarár. 1991.

SIMANKE, R. T. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae studia*, São Paulo: 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S167831662009000200004&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em : 08 nov. 2017, 18:35.

